

## O Setor Produtivo das Peles de Caprinos e Ovinos



## **República Federativa do Brasil**

*Luís Inácio Lula da Silva*

Presidente

## **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**

*Roberto Rodrigues*

Ministro

## **Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa**

### **Conselho de Administração**

*Luis Carlos Guedes Pinto*

Presidente

*Silvio Crestana*

Vice-Presidente

*Alexandre Kalil Pires*

*Ernesto Paterniani*

*Hélio Tollini*

*Cláudia Assunção dos Santos Viegas*

Membros

### **Diretoria Executiva da Embrapa**

*Silvio Crestana*

Diretor-Presidente

*Tatiana Deane de Abreu Sá*

*José Gerardo Eugênio de França*

*Kepler Euclides Filho*

Diretores-Executivos

### **Embrapa Caprinos**

*Maria Pinheiro Fernandes Corrêa*

Chefe-Geral

*Claudio Rogério B. Torres*

Chefe-Adjunto de Administração

*Raimundo Nonato Braga Lobo*

Chefe-Adjunto de Pesquisa e Desenvolvimento



*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária  
Embrapa Caprinos  
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

ISSN 1676-7659

Dezembro 2005

## ***Documentos 55***

### **O Setor Produtivo das Peles de Caprinos e Ovinos**

Manuel Antônio Chagas Jacinto  
Eneas Reis Leite

Sobral, CE  
2005

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

**Embrapa Caprinos**

Estrada Sobral/Groaíras, Km 04, Caixa Postal D 10

CEP 62011-970 - Sobral/CE

Fone:(0xx88) 3677-7000

Fax:(0xx88) 3677-7055

Home page: <http://www.cnpc.embrapa.br>

E-mail: [sac@cnpc.embrapa.br](mailto:sac@cnpc.embrapa.br)

**Comitê de Publicações**

Presidente: Eneas Reis Leite

Secretário-Executivo: Ana Clara Rodrigues Cavalcante

Membros: Expedito Aguiar Lopes

José Uiraci Alves

Tânia Maria Chaves Campêlo

Supervisor editorial: Alexandre César Silva Marinho

Revisor gramatical: José Uiraci Alves

Normalização bibliográfica: Tânia Maria Chaves Campêlo e  
Alexandre César Silva Marinho

Foto(s) da capa: Manuel Antônio Chagas Jacinto

Editoração eletrônica: Alexandre César Silva Marinho

**1ª edição**

1ª impressão (2005): 500 exemplares

**Todos os direitos reservados.**

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei no 9.610).

---

Jacinto, Manuel Antônio Chagas.

O setor produtivo das peles de caprinos e ovinos / Manuel Antônio Chagas Jacinto, Eneas Reis Leite. – Sobral : Embrapa Caprinos, 2005.

24 p. – (Documentos / Embrapa Caprinos, ISSN 1676-7659 ; 55).

1. Pele - Aspecto Econômico - Mercado. 3. Caprino - Peles. 4. Ovino - Peles. I. Leite, Eneas Reis. II. Embrapa Caprinos. III. Título. IV. Série.

---

CDD 675

© Embrapa 2005

# **Autores**

## **Manuel Antônio Chagas Jacinto**

Químico, D.Sc., em Tecnologia de Peles e Couros  
Embrapa Gado de Corte, Rod. Br 262, Km 4  
Caixa Postal - 154  
CEP: 79002-970, Campo Grande/MS  
Fones: (0xx67) 3368-2000  
Fax: (0xx67) 3368-2150  
E-mail: jacinto@cnpqc.embrapa.br

## **Eneas Reis Leite**

Eng. Agrôn., D.Sc., em Manejo de Pastagem,  
Embrapa Caprinos, Estrada Sobral/Groaíras, Km 04,  
Caixa Postal - D10, CEP- 62011-970 - Sobral/CE  
Fone:(0xx88) 3677-7000  
Fax:(0xx88) 3677-7055  
E-mail: eneias@cnpcc.embrapa.br

# **Apresentação**

Ao longo da última década, o agronegócio brasileiro tem despertado para o grande potencial de mercado em torno dos produtos derivados da caprinocultura e da ovinocultura, apesar das dificuldades encontradas para a modernização do setor produtivo e para a perfeita integração entre os elos da cadeia produtiva. Entretanto, a expansão do consumo junto às camadas mais favorecidas da população, além das crescentes demandas externas, têm proporcionado um incremento sem precedentes na exploração dos pequenos ruminantes domésticos no país.

No que diz respeito ao setor de peles e couros, o alcance pleno do potencial produtivo de nossos curtumes tem sido limitado pelos problemas decorrentes do manejo animal nas unidades produtivas. Outrossim, questões voltadas à ausência ou inadequação de políticas para o setor têm constituído entraves para que o Brasil possa incrementar sua competitividade no mercado internacional, o qual é extremamente demandante de sofisticados produtos derivados dos couros de caprinos e ovinos.

Não obstante esse quadro, existe uma série de questões relevantes que já estão sendo equacionadas pelas instituições públicas e privadas que atuam no setor. As instituições de desenvolvimento científico e tecnológico, em sintonia com as reais necessidades do setor produtivo, já disponibilizam informações que, a curto e médio prazos, poderão incrementar de forma significativa a qualidade e a regularidade na oferta de matéria-prima.

Neste trabalho é feita uma caracterização sucinta da cadeia produtiva da pele e do couro dos pequenos ruminantes, enfocando as recentes transformações ocorridas nos seus diversos elos. São também identificadas ações de pesquisa e desenvolvimento, assim como são sugeridas alternativas com vistas à modernização do setor produtivo no contexto de um mercado globalizado e competitivo.

**Raimundo Nonato Braga Lôbo**  
Chefe Adjunto de P&D da Embrapa Caprinos



## **Sumário**

<b>Introdução .....</b>	<b>09</b>
<b>Aspectos da Cadeia Produtiva .....</b>	<b>11</b>
<b>Aspectos da Produção de Peles .....</b>	<b>14</b>
<b>Aspecto Econômico da Produção de Couro .....</b>	<b>20</b>
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>21</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>23</b>



# O Setor Produtivo das Peles de Caprinos e Ovinos

---

*Manuel Antônio Chagas Jacinto*  
*Eneas Reis Leite*

## Introdução

Considerando o enfoque sistêmico da cadeia produtiva da caprino-ovinocultura de corte, percebe-se que há um fluxo de produtos sendo colocados à disposição do mercado consumidor e um contra-fluxo de capital que remunera a cadeia. Neste contexto, quanto maior a velocidade do fluxo de informações em ambos sentidos, maior pode ser a resposta às expectativas dos consumidores e a reorientação dos objetivos e ações dos produtores para atender a essa demanda.

Essa visão, de um lado, privilegia o empreendimento que aposta na produção em escala e com menor margem de lucro, porém calculada e com maior estabilidade devido aos menores riscos e incertezas. De outro lado, contrasta com a expressiva parcela de unidades produtivas com ausência de organização e gestão em moldes empresariais, com assistência técnica deficiente e com uma precária infraestrutura de transporte de produtos e insumos.

O alcance do pleno potencial produtivo dos caprinos e ovinos tem sido também limitado pela ausência ou inadequação de políticas que permitam ao setor enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades favoráveis ao desenvolvimento sustentável da atividade. O país ainda tem pouca competitividade no mercado internacional, porém apresenta uma grande demanda interna, sendo

freqüentemente obrigado a recorrer a importações de matéria-prima, especialmente de peles, para a manutenção de seu parque industrial.

Apesar da desorganização ainda reinante, a cadeia produtiva tem se ajustado rapidamente às transformações da economia, mediante a utilização de novas tecnologias e a expansão dos mercados. Como resultado, nos últimos dez anos verificou-se um incremento sem precedentes na atividade, com a modernização de parcela considerável das propriedades rurais e a implantação de agroindústrias, notadamente abatedouros, frigoríficos e curtumes.

Não obstante este quadro, questões relevantes já estão sendo equacionadas pelas instituições públicas e privadas que atuam no setor. A empresa rural, seja ela de grande porte ou explorada na ótica da agricultura familiar, tende a sair do modelo tradicional e em geral extrativista para modelos que lhe permita a plena inserção no mercado. Se até recentemente as vantagens comparativas apoiavam-se na grande disponibilidade de recursos naturais e de mão-de-obra barata, presentemente a aplicação de novos conhecimentos científicos e tecnológicos tem propiciado o surgimento de modernos conceitos mercadológicos, os quais já são incorporados nas unidades produtivas de pequenos ruminantes.

No contexto geral, o propósito é atender a um novo padrão de demanda imposto pelos consumidores. Para tanto, o setor produtivo deve inserir-se em mecanismos de comunicação e coordenação não apenas comercial, mas também a uma efetiva coordenação técnica, fazendo com que a tomada de decisões relacionadas com a produção no interior das unidades rurais seja cada vez mais determinada e coordenada por estruturas localizadas fora da fazenda. Assim como nas cadeias produtivas mais estruturadas, a coordenação técnica é exercida pelos segmentos localizados à jusante da produção agropecuária – agroindústrias e distribuição – orientada pelas exigências do mercado, especialmente no que se refere à segmentação, à padronização e à qualidade dos produtos.

É mister frisar que a adoção de novos mecanismos não elimina o surgimento de conflitos entre os agentes integrados em relacionamentos contratuais. Diversos vetores, dentre os quais incluem-se a inovação tecnológica e as mudanças no ambiente institucional, podem provocar o deslocamento do equilíbrio nas transações, gerando conflitos. Espera-se, entretanto, que tais conflitos possam ser equacionados na medida em que os relacionamentos

contratuais possibilitem uma efetiva e permanente comunicação entre esses agentes. Neste contexto, no presente artigo são apresentadas e discutidas as características do agronegócio das peles caprina e ovina no Brasil, assim como as recentes transformações ocorridas na cadeia produtiva.

## Aspectos da Cadeia Produtiva

O Brasil é o décimo quarto maior produtor de caprinos do mundo (Anuário da Pecuária Brasileira, 2005), reunindo um efetivo de aproximadamente 9.087.000 cabeças (Figura 1). A maior parte do rebanho brasileiro é constituído de animais "Sem Raça Definida" ou SRD, e de animais das raças Moxotó, Repartida, Marota e Canindé, além de outras raças naturalizadas menos expressivas e de raças recentemente introduzidas no país.

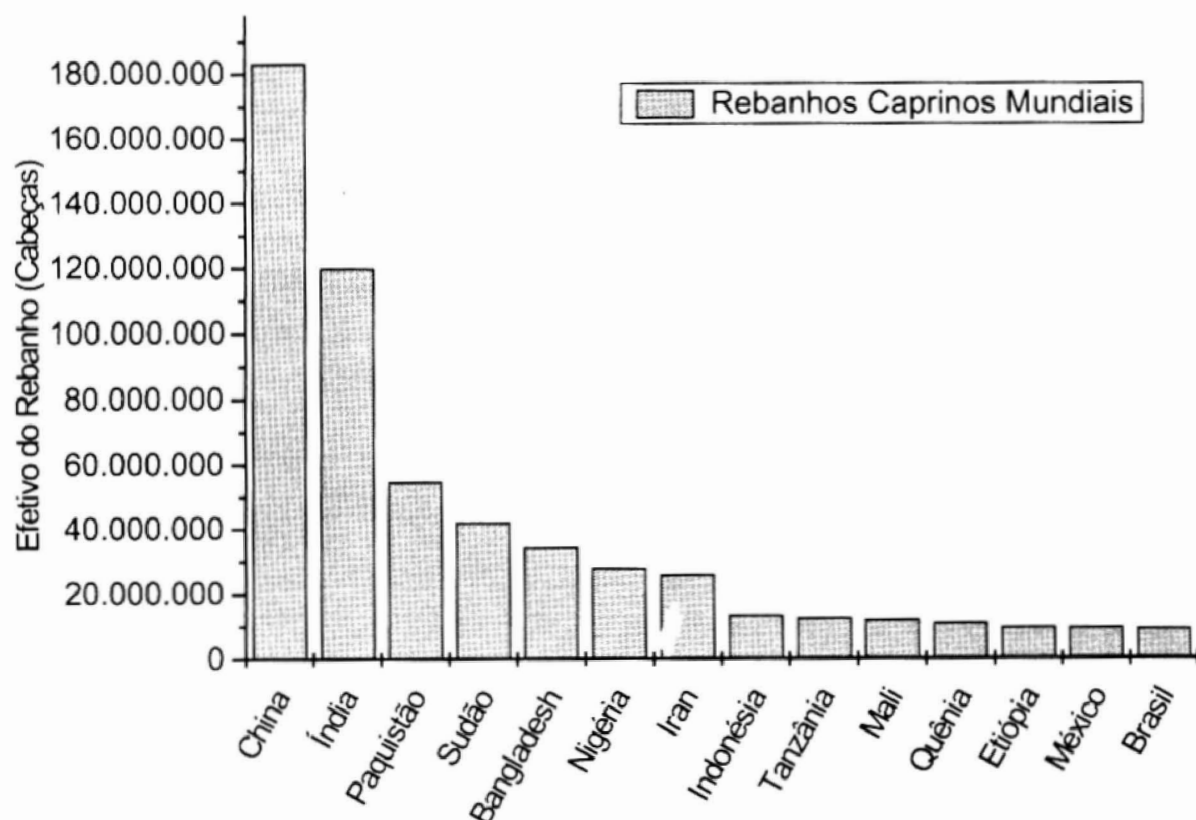


Fig. 1. Efetivo dos maiores rebanhos mundiais de caprinos (Anuário da Pecuária Brasileira, 2005).

O rebanho ovino brasileiro ocupa a décima sexta colocação no cenário dos maiores produtores mundiais (Anuário da Pecuária Brasileira, 2005), com um efetivo de aproximadamente 14.182.000 cabeças (Figura 2).

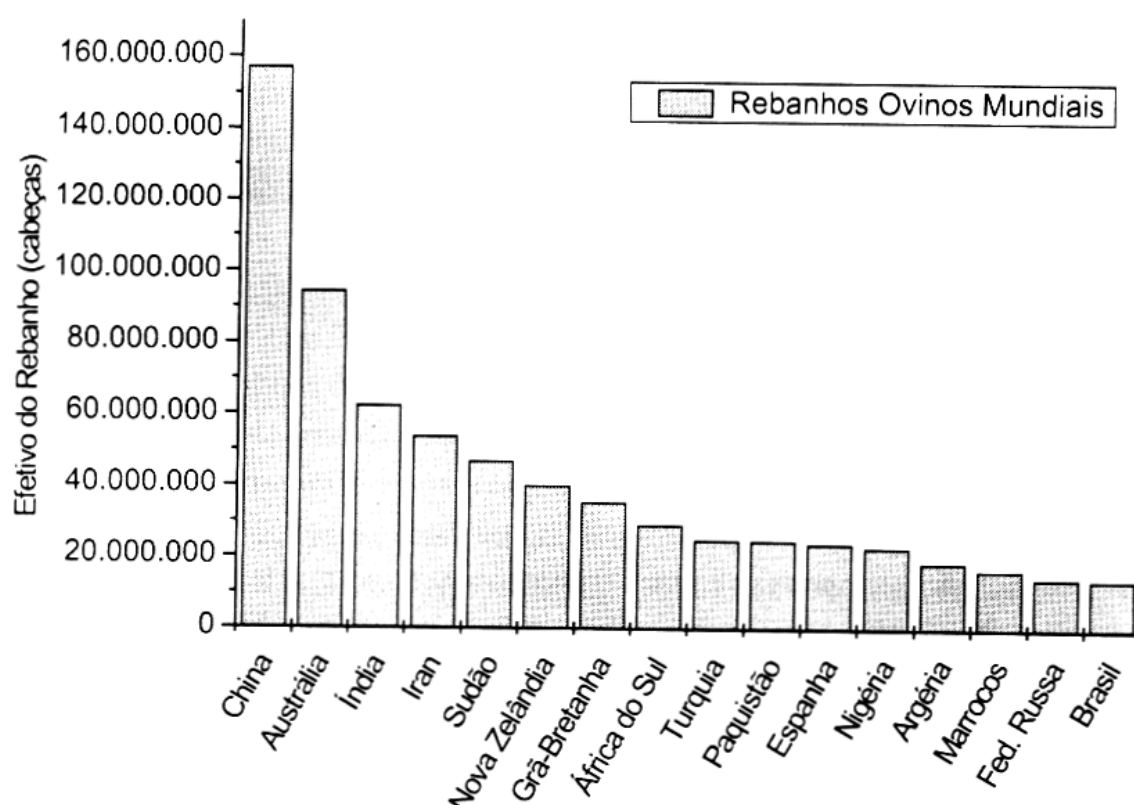


Fig. 2. Efetivo dos maiores rebanhos mundiais de ovinos (Anuário da Pecuária Brasileira, 2005).

A queda da produção de lã no Rio Grande do Sul, devido à redução da demanda provocada pelo aumento da utilização de produtos sintéticos derivados do petróleo, no final dos anos 80 e início dos anos 90, foi responsável pela redução do rebanho ovino até 1996. As principais reduções nos efetivos de caprinos e ovinos brasileiros foram registrados entre os períodos de 1992/1993 e 1995/1996 (Figura 3).

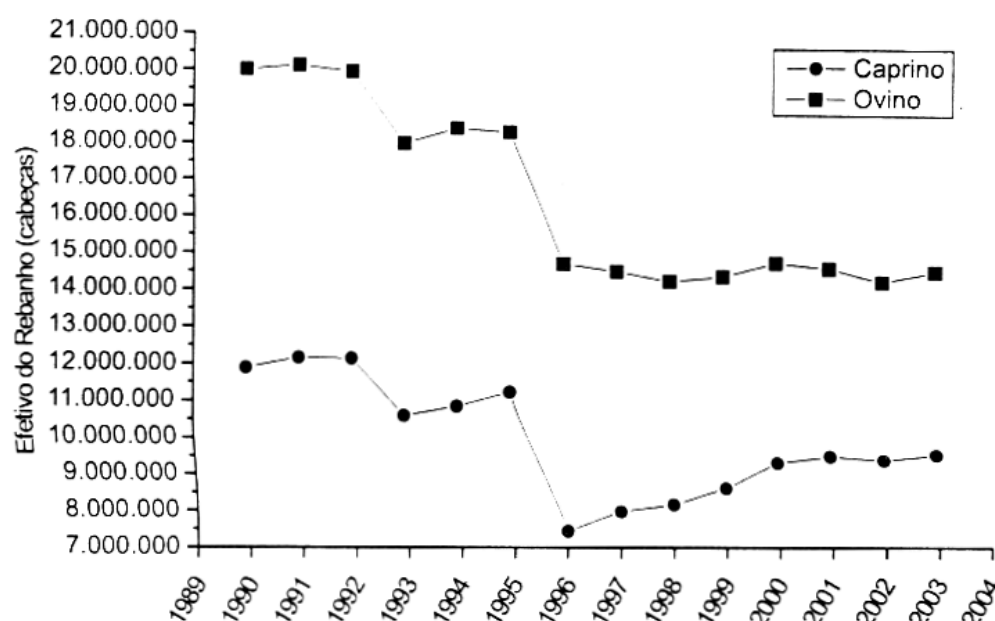


Fig. 3. Efetivo dos rebanhos caprinos e ovinos brasileiros (Anuário da Pecuária Brasileira, 2005).

Nos Estados da Região Nordeste concentram-se, 93,81% (9.412.000 animais) dos caprinos e 54,51% (8.030.000 animais) dos ovinos brasileiros (Tabela 1). O Estado da Bahia concentra os maiores plantéis das duas espécies no Nordeste (seu rebanho caprino é o maior do país), enquanto o Rio Grande do Sul é o maior produtor de ovinos (Anuário da Pecuária Brasileira, 2005).

Tabela 1. Estimativa dos rebanhos ovinos e caprinos do Brasil, em 2005.

<b>Regiões</b>	<b>Caprinos(cabeças)</b>	<b>Ovinos (cabeças)</b>
<i>Norte</i>	<i>151.734</i>	<i>499.101</i>
<i>Nordeste</i>	<i>9.593.798</i>	<i>9.042.273</i>
Maranhão	389.403	222.004
Piauí	1.502.754	1.580.941
Ceará	920.180	1.918.002
Rio Grande do Norte	434.193	488.028
Paraíba	697.198	432.897
Pernambuco	1.673.226	997.781
Alagoas	60.858	197.292
Sergipe	15.016	133.790
Bahia	3.900.970	3.071.538
<i>Sudeste</i>	<i>245.329</i>	<i>548.581</i>
<i>Sul</i>	<i>207.079</i>	<i>5.066.949</i>
Paraná	93.127	576.004
Santa Catarina	26.824	218.929
Rio Grande do Sul	77.128	4.272.016
<i>Centro Oeste</i>	<i>115.904</i>	<i>890.759</i>
<b>Brasil</b>	<b>10.313.844</b>	<b>16.047.663</b>

Fonte: Anuário da Pecuária Brasileiro (2005).

Explorados de forma extensiva no Nordeste, o contingente populacional dos caprinos e ovinos tem aumentado devido à rusticidade e à adaptação ao meio, caracterizado pelo clima quente e seco e pela vegetação típica do semi-árido (Leite & Vasconcelos, 2000). Introduzidos pelos colonizadores, os ovinos e

caprinos adaptaram-se às condições adversas do *habitat*, o que possibilitou o surgimento de algumas raças locais, as quais, em seu processo de formação, adquiriram características de rusticidade, embora tenham perdido bastante em produtividade (Shelton & Figueiredo, 1989; Figueiredo et al., 1990).

Recentemente a atividade tem iniciado uma expansão para a Região Centro-Oeste, devido, principalmente, à inserção da ovinocultura nos sistemas integrados de produção de bovinos de corte. Enquanto a progressão do rebanho nessa Região é positiva, na Região Sul tem sido negativa, ao passo que na Região Nordeste ela oscila entre taxas positivas e negativas, alternadas entre períodos de estagnação e de retomada do crescimento (Figura 4).

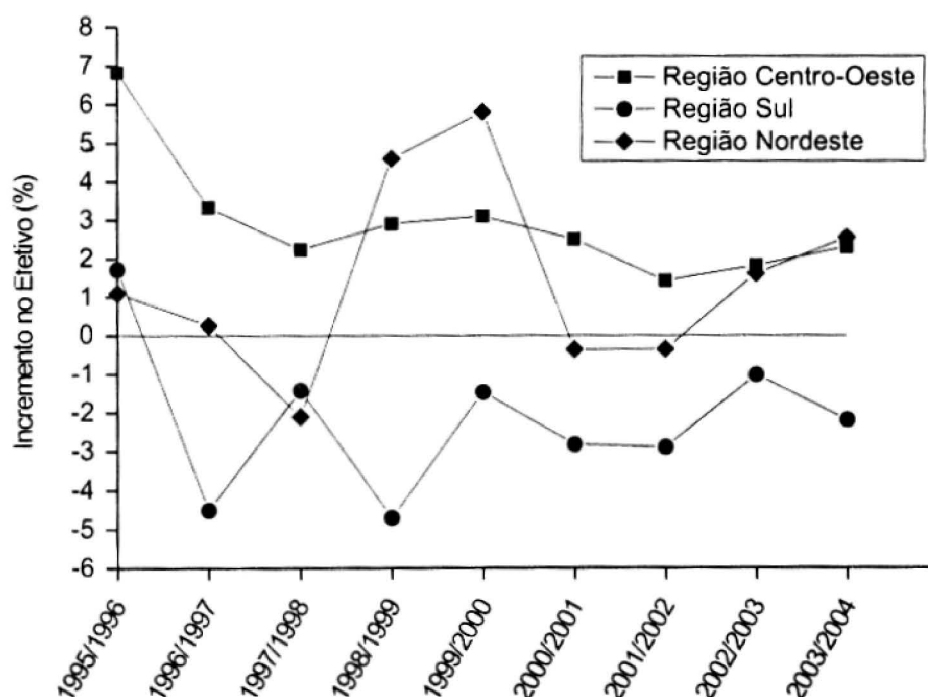


Fig. 4. Incremento anual de ovinos (%) nas Regiões Centro-oeste, Nordeste e Sul. (Anuário da Pecuária Brasileiro, 2005).

## Aspectos da Produção de Peles

Os rebanhos ovinos e caprinos têm sofrido alterações no efetivo ao longo dos anos. No período de 1990 a 1995, enquanto o rebanho ovino lanado decrescia no Rio Grande do Sul, o número de peles de ovinos de pêlo, disponíveis para os curtumes, cresciam na Região Nordeste (Figura 5). Após aparente estabilização, entre 1996 e 2003, no patamar de 4,2 a 4,4 milhões de peles anuais, no ano de 2004 houve uma oferta de aproximadamente 4,7 milhões de peles, apesar dos estoques continuarem estáveis entre 14 e 15 milhões de cabeças.

A quantidade de peles no mercado brasileiro também foi incrementada no período de 1990 a 1995, passando de 13.600 a 15.200 toneladas métricas, a partir daí permanecendo estável até 2001, quando voltou a crescer e atingir o montante de 16.500 toneladas métricas em 2004 (Figura 6).

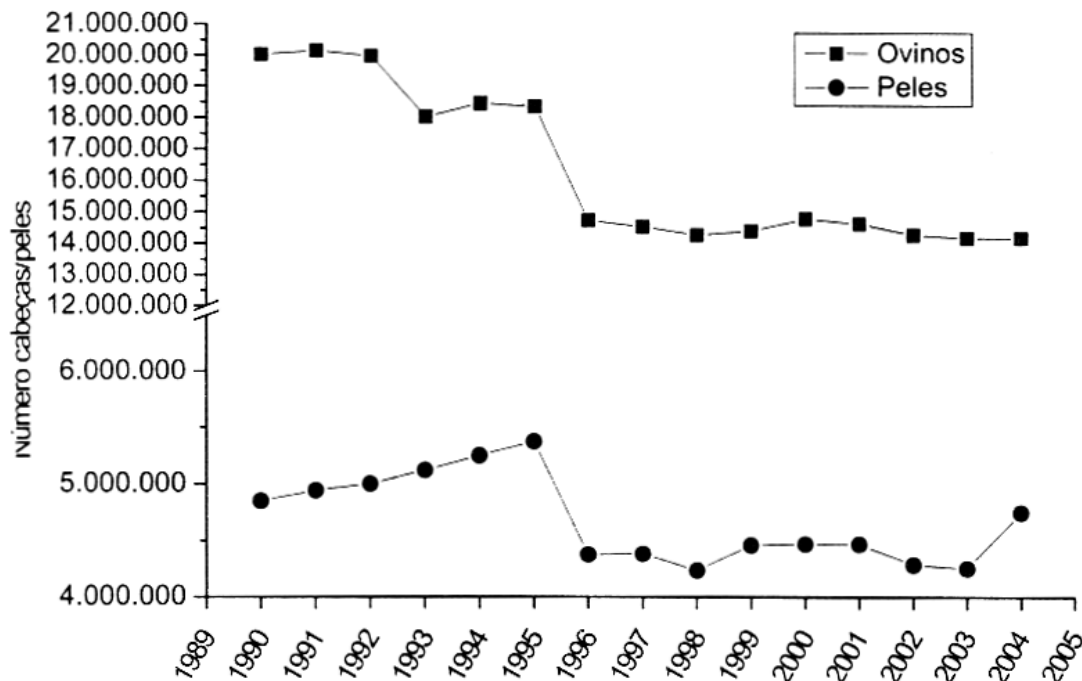


Fig. 5. Efetivo do rebanho ovino brasileiro e disponibilidade anual de peles – 1980-2004 (Anuário da Pecuária Brasileiro, 2005).

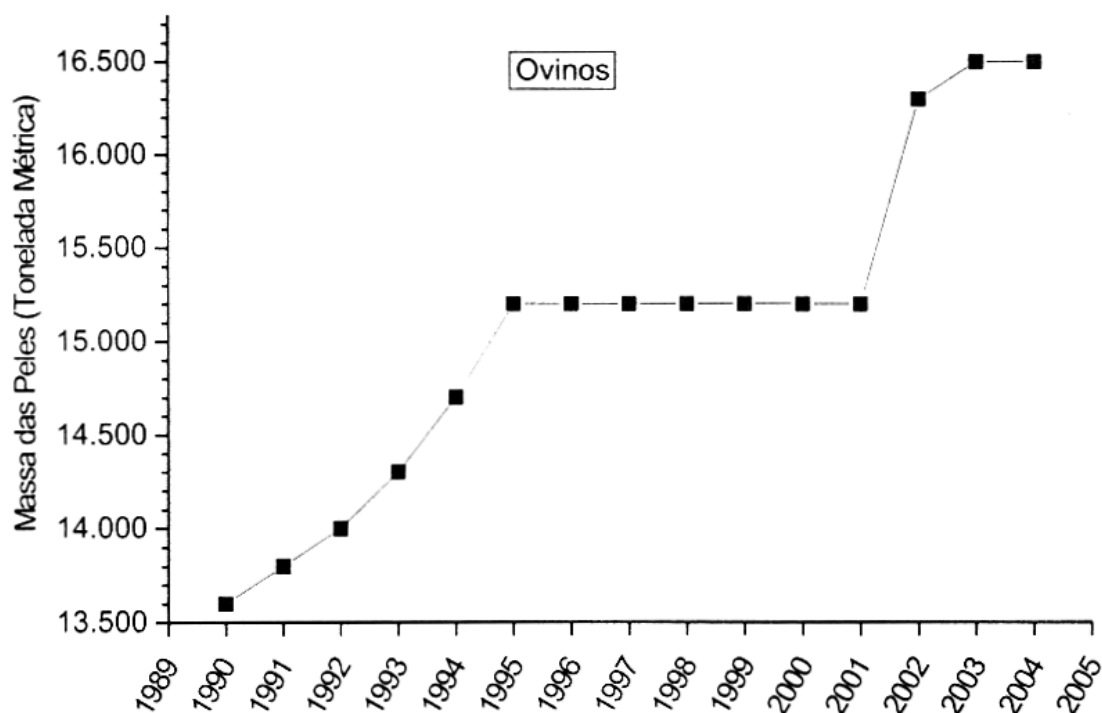


Fig. 6. Massa das peles ovinas disponíveis no Brasil nos últimos 14 anos (Anuário da Pecuária Brasileiro, 2005).



O rebanho caprino e o número de peles disponíveis anualmente apresentaram dinâmica semelhante à evolução do rebanho e à oferta de peles ovinas no Brasil. Após a redução progressiva do rebanho caprino, de aproximadamente 11,8 para 7,5 milhões de animais, houve uma recuperação crescente até aproximadamente 9,0 milhões de cabeças em 2004. Apesar de relativamente estáveis nos períodos de 1990/1995 e 1996/2004, entre os anos de 1995 e 1996 houve um decréscimo de 3,4 para 2,2 milhões de peles (Figura 7).

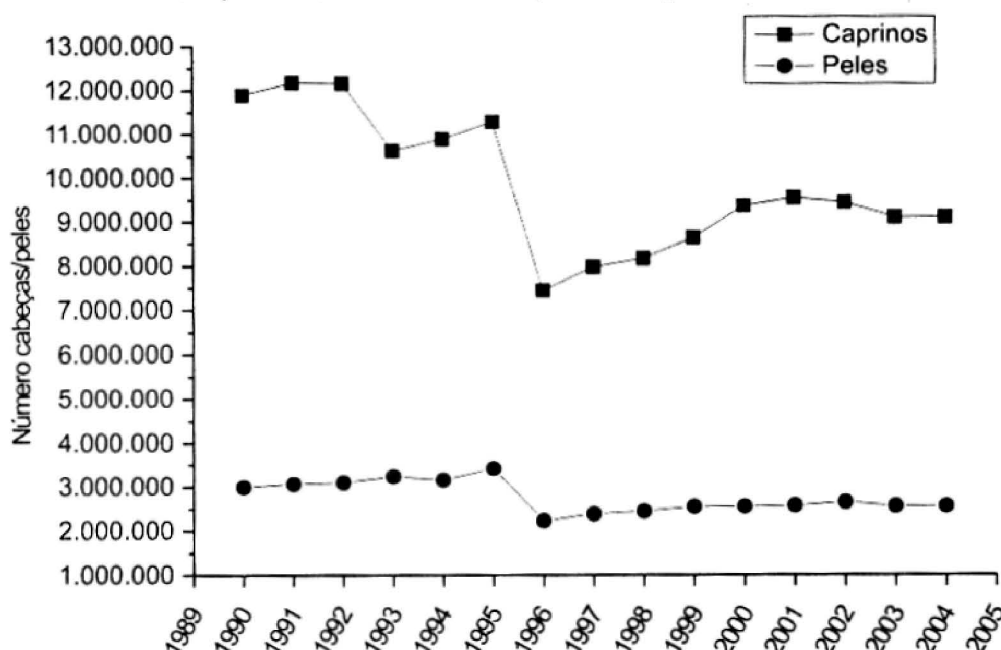


Fig. 7. Efetivo do rebanho caprino brasileiro e disponibilidades anuais de peles (Anuário da Pecuária Brasileiro, 2005).

A massa das peles acompanhou proporcionalmente a dinâmica do número de peles no período considerado, apresentando forte declínio entre 1995 e 1996, com redução de 6,8 para 4,4 toneladas métricas (Figura 8).

As peles brasileiras de ovinos e caprinos são de alta qualidade intrínseca, porém os sistemas de manejo, o processo de abate dos animais e o baixo nível tecnológico empregado no seu processamento têm contribuído para a depreciação do produto. As peles são importantes derivados da caprino-ovinocultura de corte, sendo os produtos com maior potencial de agregação de valor (Tabela 2). Entretanto, o mercado brasileiro ressen-te-se da carência de matéria-prima em quantidade e qualidade (Leite, 2004).

Muitas ações vêm sendo desenvolvidas no sentido de informar os empresários rurais sobre a importância do manejo correto dos animais durante o período em

que estes estão sob sua guarda. Ainda na década de 80, essas ações tiveram como palco o município de Quixadá, no Ceará, junto a associações de produtores (Abate..., 1986).

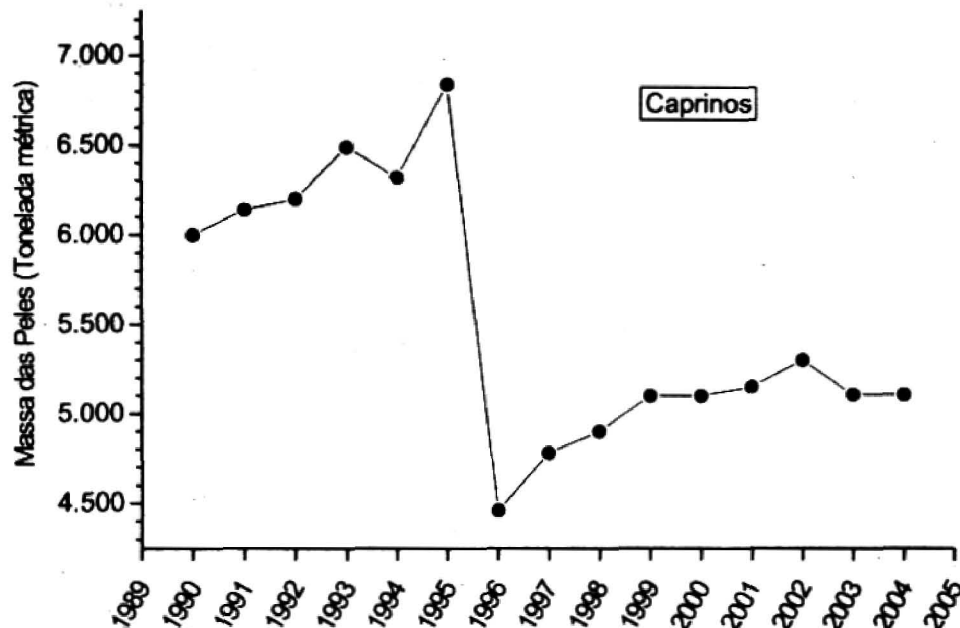


Fig. 8. Massa das peles caprinas disponíveis no Brasil no período 1980-2004 (Anuário da Pecuária Brasileiro; 2005).

Tabela 2. Preços (US\$) de peles, couros e manufaturados de caprinos e ovinos, exportados em 2000.

Espécie	In Natura	Wet Blue	Acabado	Manufaturado
Caprina	2,90	5,30	7,00	21,00
Ovina	3,50	6,42	8,50	25,50

Fonte: Couto (2001).

Em 1996, os empresários da indústria de curtimento interromperam a compra de peles secas (Bezerra, 2001) e iniciaram a distribuição de sal entre os produtores, para induzi-los a utilizar o mesmo no processo de conservação das peles. Esta estratégia foi fundamental para conseguir peles salgadas, pois, anteriormente, os preços pagos pelas peles secas e as salgadas eram similares. Portanto, o produtor não tinha nenhum incentivo para promover a conservação pela salga (Bellaver, 1980). Estas iniciativas deram resultados imediatos, sendo notada significativa melhora na qualidade das peles.

Entre outras ações que contribuíram para essa melhoria, estão a cartilha de procedimentos pré e pós-abate do Curtume Vikoro e a divulgação de técnicas

corretas de insensibilização, abate, esfolagem, conservação e armazenamento, por meio da atividade de extensionistas, apoiadas por cartilhas, folhetos, vídeos e CDs. Estas ações de extensão rural foram desenvolvidas em todo o território nacional, notadamente nas regiões com maiores efetivos de rebanhos. Outras ações foram conduzidas pelo Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil – CICB, através do Programa Brasileiro da Qualidade do Couro de Caprinos e Ovinos.

O Programa Módulo III – Caprinos e Ovinos, inicialmente apoiado pela Agência de Promoção de Exportações (APEX) e organizado pela Embrapa Caprinos (Barros & Vasconcelos, 2002), conta atualmente com o apoio do SEBRAE e do Fórum de Competitividade do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC.

Um dos pontos fortes do programa é o Módulo III – Universitários, que visa a capacitação de extensionistas com o objetivo de preparar multiplicadores para o trabalho de sensibilização dos produtores. Apesar de membros do CICB, os curtumes que integram a Cooperativa de Compra de Peles (Brespel, Moderno, CV e Cobrasil) procuram reforçar a iniciativa do programa com a distribuição de folders com o mesmo objetivo (Bezerra, 2003).

Freqüentemente, as peles são avaliadas pelas cooperativas de compra ou nos pequenos entrepostos, que as adquirem do produtor e as vendem para a indústria responsável pela transformação em couro. O valor arbitrado pelo comprador diferencia as peles ovinas das peles caprinas e está diretamente relacionado à qualidade, cuja avaliação é visual.

A pele classificada como *de primeira* não pode apresentar furos decorrentes da esfolagem, nem pode apresentar evidências de má conservação e marcas da ação de ectoparasitas. Entretanto, essas ocorrências são admissíveis nas peles consideradas como *de segunda*, assim como as marcas de riscos obtidas durante o manejo.

O valor pago ao produtor varia sensivelmente durante todo o ano. Em abril de 2005 as peles ovinas salgadas foram comercializadas por R\$ 9,00 (US\$ 3,44) e as caprinas por R\$ 6,00 (US\$ 2,29).

Quanto à ocorrência de defeitos nas peles caprinas *in natura* frescas, conservadas pela secagem ao ar, pela salga seca ou pela salga úmida (salmoura), as mesmas podem ser classificadas segundo as normas ISO 7482-1 (International

Organization for Standardization, 1998) e ISO 7482-3 (International Organization for Standardization, 2000b). As peles não podem apresentar defeitos visíveis na parte central; não podem apresentar sinais de putrefação; não podem apresentar nenhum defeito nas partes periféricas, pernas e cauda; e devem estar livres de sujeira.

As peles podem também ser classificadas pelo tamanho (Tabela 3) e pela massa (Tabela 4), com o objetivo de segregá-las em lotes para uniformizar o curtimento e padronizar o produto final. A norma ISO 7482-2 (International Organization for Standardization, 2000a) indica a metodologia para a padronização de lotes de peles caprinas.

Tabela 3. Classificação das peles caprinas, baseada no comprimento e na área.

<b>Categoria</b>	<b>Comprimento (dm)</b>	<b>Área (dm<sup>2</sup>)</b>
Extra pequena (ES)	abaixo de 6	até 20
Muito pequena (SS)	6,1 a 7	21 a 27
Pequena (S)	7,1 a 8	28 a 36
Média (M)	8,1 a 9	37 a 45
Grande (L)	9,1 a 10	46 a 54
Extra grande (EL)	10,1 e acima	55 e acima

Fonte: International Organization for Standardization (2000a)

Tabela 4. Classificação de peles caprinas com base na massa.

<b>Categoria</b>	<b>Massa (Kg)</b>			
	<b>Fresca</b>	<b>Salgada úmida</b>	<b>Salgada seca</b>	<b>Seca</b>
Extra leve	Até 0,8	Até 0,5	Até 0,3	Até 0,2
Muito leve	0,9 a 1,2	0,5 a 0,6	0,3 a 0,4	0,2 a 0,3
Leve	1,3 a 2,0	0,7 a 1,0	0,5 a 0,6	0,3 a 0,4
Média	2,1 a 2,8	1,1 a 1,4	0,7 a 0,8	0,5 a 0,6
Pesada	2,9 a 3,6	1,5 a 1,8	0,9 a 1,0	0,7 a 0,8

Esses valores são aplicados às peles com pêlo curto.

A medida de comprimento da pele foi obtida ao longo da linha média dorsal: da base da cauda até o final do pescoço e, a da largura, da distância entre a linha média dorsal e a linha ventral (Figura 11).

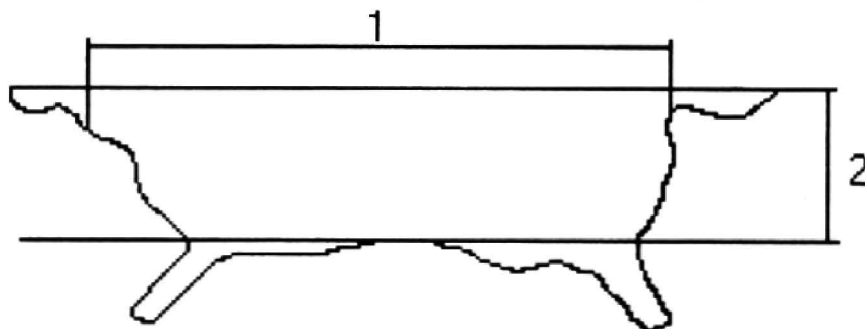


Fig. 11. Medidas de comprimento (1) e largura (2) de peles caprinas segundo a norma ISO 7482-2 International Organization for Standardization, 2000a).

Um aspecto importante, valorizado pelos curtumes, é a espessura da pele: animais jovens apresentam peles menos espessas, se comparadas aos animais adultos (Bezerra, 2001).

## Aspecto Econômico da Produção de Couro

Os couros ovinos e caprinos são classificados após o curtimento das peles, no estágio *wet blue*, em sete estratos, de acordo com os defeitos visíveis possibilitados pela depilação realizada nas fases iniciais do curtimento (Tabela 5).

Tabela 5. Valor (R\$) dos couros (m<sup>2</sup>) curtidos ao cromo (*wet blue*) por estrato.

Espécie	Estrato						
	1 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup>	4 <sup>a</sup>	5 <sup>a</sup>	6 <sup>a</sup>	7 <sup>a</sup>
Caprina	77,50	51,67	32,29	27,98	10,76	4,3	3,23
Ovina	99,03	73,19	43,05	38,75	21,52	5,38	3,23

Fonte: Bezerra (2003).

A qualidade é fator determinante da classificação da pele e da estratificação do preço do couro *wet blue* e do acabado. Porém, há uma tendência de os curtumes venderem os couros em função de duas classificações (única e econômica) e de dois tamanhos (pequeno e grande) (Tabelas 6 e 7).

Tabela 6. Preço médio do couro caprino, segundo o artigo, a classificação e o tamanho.

Classificação	Preço médio (R\$) <sup>1</sup> dos artigos (m <sup>2</sup> )					
	Pelica Ilustrada		Pelica Guanabara		Camurça Amaralina	Pelica forro
	Pequena	Grande	Pequena	Grande		
Única	77,56	66,48	59,83	55,40	70,92	33,53
Econômica	62,05	53,18	47,86	44,32	56,74	26,82

Fonte: Jacinto (2004), atualizada para abril de 2005 com dados do Curtume Campelo.

<sup>1</sup> US\$ = R\$ 2,61

Tabela 7. Preço médio do couro ovino, segundo o artigo, a classificação e o tamanho.

Classificação	Preço médio (R\$) <sup>1</sup> dos artigos (m <sup>2</sup> )		
	Mestiço (Napa Guanabara)		Mestiço vegetalizado
	Pequena	Grande	
Única	64,26	62,05	75,35
Econômica	51,41	49,64	60,28

Fonte: Informações colhidas junto ao Curtume Campelo em abril de 2005.

<sup>1</sup> US\$ = R\$ 2,61

As peles caprinas e ovinas são adquiridas pelos curtumes por unidade, sendo curtidas tendo a massa como referência, e a seguir são vendidas por área.

## Considerações Finais

A sustentabilidade do agronegócio da caprino-ovinocultura é dependente de um produto final de boa qualidade, e que seja oferecido com regularidade através de cadeias produtivas competitivas e que primam pela organização e gestão. Para tanto, é imperativa a consolidação de parcerias entre os seus diferentes segmentos, facilitando a implementação de assistência técnica especializada e a adoção de tecnologias adequadas e adaptáveis nos diversos ecossistemas. Torna-se também necessária a implantação de programas que visem a melhoria contínua e o *marketing* dos produtos, além do estabelecimento de políticas de crédito diferenciadas e compatíveis com a atividade. Outrossim, a modernização do agronegócio requer a revisão de políticas de tributação impostas à atividade.

O cenário atual é de justificada euforia. Os preços dos produtos derivados dos pequenos ruminantes têm atingido níveis formidáveis, razão porque novos empresários estão incorporando-se à atividade. Com nova mentalidade incorporada aos sistemas produtivos, certamente o mercado das peles e couros sofrerá um incremento exponencial, uma vez que matéria-prima de qualidade e em maiores quantidades será colocada à disposição das indústrias.

O momento, portanto, é de canalizar investimentos para este importante setor do agronegócio brasileiro. Vencidas as etapas de organização das cadeias produtivas e de regularidade na oferta, certamente os mercados interno e externo estarão com suas portas abertas para absorver os inúmeros produtos resultantes do processamento industrial das matérias-primas oriundas dos caprinos e ovinos, com especial destaque para aqueles provenientes do parque couro-calçadista.



## Referências Bibliográficas

ABATE, esfolagem, conservação e armazenamento de peles ovinas e caprinas. Produção de Maria de Lourdes Velly. Quixadá: produtora independente, 1986. 1 videocassete (30 min.). VHS, son., color.

ANUÁRIO DA PECUÁRIA BRASILEIRO. São Paulo: FNP Consultoria & Comércio, 2005.

BARROS, N. N.; VASCONCELOS, V. R. **Como obter peles de boa qualidade de caprinos e ovinos**. Sobral: EMBRAPA-CNPC, 2002. 22 p

BELLAVER, C. **As peles**. Sobral: EMBRAPA-CNPC, 1980. 15 p. (EMBRAPA-CNPC. Circular Técnica, 3).

BEZERRA, A. Posição dos curtumes dentro de um programa nacional. In: REUNIÃO DE APOIO À CADEIA PRODUTIVA DA OVINOCAPRINOCULTURA BRASILEIRA, 2001, Brasília, DF. **Relatório final**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2001. p. 31-33.

BEZERRA, A. **Cuidados com a pele**. Petrolina, PE: Curtume Campelo, 2003. 6 p.

COUTO, T. A. A importância econômica e social da ovinocapronocultura brasileira. In: SEMINÁRIO DE APOIO À CADEIA PRODUTIVA DA OVINOCAPRINOCULTURA BRASILEIRA, 1., 2002, Brasília, DF. **Anais...** Brasília, DF: CNPq, 2001. p. 10-15.

FIGUEIREDO, E. A. P.; SHELTON, M.; FERNANDES, A. A. O. Available genetic resources: the origin and classification of the world's sheep. In: SHELTON, M.; FIGUEIREDO, E.A.P. (Ed.). **Hair sheep production in tropical and sub-tropical regions**. Davis: University of California Press, 1990. p.7-24.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. **Raw goat skins. Part 1:** descriptions of defects, ISO 7482-1. Genebra, 1998. 7 p.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. **Raw goat skins. Part 2:** guidelines for grading on the basis of mass and size, ISO 7482-2. Genebra, 2000a. 3 p.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. **Raw goat skins. Part 3:** guidelines for grading on the basis of defects, ISO 7482-3. Genebra, 2000b. 9 p.

LEITE, E. R. Cadeia produtiva de caprinos e ovinos como estratégia para a produção sustentável de carne. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 41., 2004, Campo Grande. **A produção animal e a segurança alimentar:** anais dos simpósios. Campo Grande: Sociedade Brasileira de Zootecnia, 2004. p. 269-275.

LEITE, E. R.; VASCONCELOS, V. R. Estratégias de alimentação de caprinos e ovinos em pastejo no Nordeste do Brasil. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE CAPRINOS E OVINOS DE CORTE, 1., 2000, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: EMEPA-PB, 2000. p. 71-80.

MELHORIA de pele. Produção de Globo Rural, Manuel A. C. Jacinto, Uriel Franco da Rocha. Franca: Uberaba: TV Globo, 1988. 1 videocassete (30 min.). VHS, son., color.

SHELTON, M.; FIGUEIREDO, E. A. P. Genetic resources and improvement programs. In: JOHNSON, W. L.; OLIVEIRA, E. R. (Ed.). **Improving meat goat production in the semiarid tropics**. Davis: University of California Press, 1989. p. 33-48.

**Embrapa**

---

**Caprinos**

Ministério da Agricultura,  
Pecuária e Abastecimento

